



3131 - Trabalho Completo - 2ª Reunião Científica Regional Norte da ANPEd (2018)
GT 10/GT 13 - Alfabetização, Leitura e Escrita e Educação Fundamental

A LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA
Katia Maria dos Santos Dias - SECRETARIA EXECUTIVA DE EDUCAÇÃO DO PARÁ

Este artigo objetiva refletir sobre a importância da leitura no processo de alfabetização nos ciclos iniciais da educação básica com o intuito de apresentar a leitura não como mera decodificação de palavras escritas, mas trazer a tona como um ato prazeroso e criativo, não apenas como meio de ampliar ou adquirir conhecimento, mas para elevação da imaginação e da curiosidade. Evidencia os desafios enfrentados pelos professores alfabetizadores do primeiro ciclo da educação básica sobre o aprendizado da leitura e escrita no contexto escolar. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, tem como base teórica Cagliari (2001); Ferreiro (2002); Soares (2001); Smolka (2003); Freire (2013). O tema foi escolhido pela importância da leitura e escrita nos anos iniciais de escolarização para formar leitores capazes de ler, escrever, interpretar e fazer uso de diferentes materiais escritos. Como problema de pesquisa: qual a importância da leitura no processo de alfabetização nos ciclos iniciais da educação básica? Superar a leitura como decodificação, mas um ato prazeroso e criativo, não apenas como meio de ampliar ou adquirir conhecimento, mas para elevação da imaginação e da curiosidade.

Palavras-chave: Educação Básica. Alfabetização. Leitura e Escrita. Literatura Infantil.

A LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Kátia Maria dos Santos Dias^[1]

Francisca Missilene Muniz Magalhães^[2]

Resumo

Este artigo objetiva refletir sobre a importância da leitura no processo de alfabetização nos ciclos iniciais da educação básica com o intuito de apresentar a leitura não como mera decodificação de palavras escritas, mas trazer a tona como um ato prazeroso e criativo, não apenas como meio de ampliar ou adquirir conhecimento, mas para elevação da imaginação e da curiosidade. Evidencia os desafios enfrentados pelos professores alfabetizadores do primeiro ciclo da educação básica sobre o aprendizado da leitura e escrita no contexto escolar. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que tem como base teórica autores como Cagliari (2001); Ferreiro (2002); Soares (2001); Smolka (2003); Lajolo (1999); Freire (2013), dentre outros. O tema foi escolhido devido à importância da leitura e escrita nos anos iniciais de escolarização dos alunos na perspectiva de formar leitores capazes de ler, escrever, interpretar e fazer uso de diferentes materiais escritos retirando informações que subsidiem o aprendizado. Como problema de pesquisa: qual a importância da leitura no processo de alfabetização nos ciclos iniciais da educação básica? Superar a leitura como decodificação de palavras escritas, mas trazer a tona um ato prazeroso e criativo, não apenas como meio de ampliar ou adquirir conhecimento, mas para elevação da imaginação e da curiosidade.

Palavras-chave: Educação Básica. Alfabetização. Leitura e Escrita. Literatura Infantil.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica, que tem como base teórica autores que discorrem sobre a importância do incentivo da leitura e escrita no processo de alfabetização no início de escolarização dos alunos do primeiro ciclo da educação básica. Conhecimentos esses necessários aos professores que precisam conhecer de maneira singular as possibilidades de formar alunos leitores capazes de ler, escrever e fazer uso de diferentes tipos de material escrito, bem como, torná-los capazes de compreendê-los, interpretá-los extraindo informações necessárias no seu cotidiano.

Educar é lidar com informações e formação. Essa afirmativa nos leva a refletir sobre o objeto principal da atividade educacional, o conhecimento.

Dentro do exposto o presente artigo traz como questão central: qual a importância da leitura no processo de alfabetização nos ciclos iniciais da educação básica com o intuito de apresentar a leitura não como mera decodificação de palavras escritas, mas trazer a tona como um ato prazeroso e criativo, não apenas como meio de ampliar ou adquirir conhecimento, mas para elevação da imaginação e da curiosidade.

No processo de leitura e escrita compreendemos que os alunos aprendem por meio da interação e dos bons exemplos, pois para que seja despertado o prazer pela leitura na criança, à mesma terá que está envolvida com experiências significativas de letramento. O dia-a-dia do professor alfabetizador e do aluno na escola como leitor exige um ambiente facilitador da aquisição para a aquisição da leitura e da escrita, pois pairam sobre a escola os olhares da sociedade cheios de anseios por uma educação que possibilite espaço de formação para leitura e escrita. Tal situação se manifesta muitas vezes, por essa ação ser desenvolvida como fim em si mesmo, não favorecendo como nos aponta Soares (2001, p. 47) o "o alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se torne, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado".

Autores como Ferreiro (2002) e Soares (2001) são unânimes em afirmar que os primeiros anos de escolarização são decisivos para possibilitar aos alunos, a consciência da importância do ato de ler e a construção cognitiva como leitores e escritores com possibilidades de ouvir, ler, escrever e

calcular. Concepção que somos partidárias.

A trajetória da criança nos anos iniciais do Ensino Fundamental é de cinco anos, dividido em dois ciclos, sendo que no primeiro ciclo inicia com a idade de seis anos com a previsão de término aos oito anos. É prerrogativa que o mesmo seja alfabetizado e que ao fim deste ciclo, esteja consolidado o direito de aprendizagem onde o aluno consiga minimamente ler, escrever, interpretar e resolver as quatro operações. Entretanto, no último ano existe uma exacerbada preocupação da escola, professores e pais com o processo de alfabetização e que os alunos terminem esse ano letivo dominando a leitura e a escrita. Essa situação é motivo de inquietação de todos os envolvidos no processo, pois ao finalizar o primeiro ciclo o aluno poderá ficar retido se não consolidar o processo de leitura e escrita. É importante ressaltar que o processo não se resume na relação professor/aluno, mas também na interação do sujeito com o objeto de conhecimento, leitura e escrita, de forma prazerosa e positiva. Desta forma, o discurso presente na sociedade coloca a escolarização como um dos fatores de ascensão social, sendo justificável a ansiedade e a preocupação de todos.

O processo de alfabetização é um processo de longo prazo e constante, mas mesmo assim é pertinente a preocupação dos que estão envolvidos. De acordo com Smolka (2003, p. 16) a alfabetização é,

Uma das questões sociais mais fundamentais por suas implicações político-econômica e por evidenciar instrumento e veículo de uma política educacional que ultrapassa amplamente o âmbito meramente escolar e acadêmico.

Destacamos como importante que o professor de aluno do primeiro ciclo deve ter formação e consciência da importância do processo de alfabetização, pois quanto maior forem seus conhecimentos, maiores são as possibilidades do aluno em aprender e desenvolver sua autonomia e segurança na leitura e escrita.

Somos partidárias que a alfabetização e a aquisição da leitura e escrita é essencial e relevante na formação do indivíduo e de sua aprendizagem de maneira que, torna-se um desafio educar o professor para desenvolver saberes e a prática pedagógica. Que alcance a maioria dos alunos. Conforme Tardif (1991, p.31) "um professor é antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros". Ao professor cabe o olhar sensível do aprender e do ensinar de maneira prática, mas sem, contudo perder a poesia do brincar infantil, fortalecendo no aluno as capacidades necessárias, e a apreensão útil ao seu futuro escolar, e a vida. O sucesso na condução dos saberes docentes neste momento é primordial para a integração da criança com o mundo da leitura e escrita.

É importante ressaltar, que o professor tem que ter a compreensão do processo de leitura e escrita e que sua ação não pode se restringir a métodos que conduzam apenas a codificação de signos linguísticos, torna-se prioritário que sejam oferecidas condições propícias para melhorar e dinamizar o processo de alfabetização.

Ferreiro (2005, p.12) enfatiza que "todos os problemas da alfabetização começaram quando se decidiu que escrever não era profissão, mas uma obrigação, e que ler não era marca de sabedoria, mas de cidadania". Desta forma destaca-se que a função social da escola não é a homogeneização do saber dos alunos, mas se aplica nas oportunidades de aprendizagem a que todos têm direito. Nesta perspectiva Soares (2001) enfatiza que a criança não alfabetizada, mas que folheia livros fingindo lê-los brinca de escrever e ouve atentamente histórias já percebe a função e uso da escrita já está mergulhada no mundo do letramento.

Para Cagliari (2001) a leitura é a realização do objetivo da escrita, ler é uma atividade complexa, pois são utilizadas todas as funções cognitivas. Quem escreve, escreve para alguém ler. Esse binômio está presente em todos os níveis de escolarização.

Considerando o evidenciado destacamos que este trabalho foi construído a partir de itens que se relacionam. No primeiro estaremos discutindo sobre a leitura e alfabetização no segundo a leitura como prazer e no terceiro o que se ler e para o que se ler: a literatura infantil. E ao final algumas considerações.

• LEITURA E ALFABETIZAÇÃO

Por muitos anos a alfabetização foi vista apenas como aquisição da língua escrita, sendo direcionada como uma das principais funções da escola. No mundo de hoje, ler e escrever são atos que acontecem no nosso dia a dia e que precisam ser considerados no ato educativo.

A alfabetização instrumento exterior ao indivíduo a alfabetização depende das possibilidades de cada um para ser alcançada. É uma busca pessoal e determinante na possibilidade quanto às oportunidades de cada um, inserido no processo. Conforme Cagliari (2001, p.167),

Escrever e ler são duas atividades da alfabetização conduzidas mais ou menos paralelamente. Ensina-se a ler e escrever letras, famílias silábicas, palavras, frases e textos. Na prática, ao longo do ano escolar, se dá muito mais ênfase à escrita do que à leitura. Exige-se muito mais do aluno com relação à escrita do que com relação à leitura. Isso se deve ao fato de a escola saber avaliar mais facilmente os acertos e erros da escrita e não saber e não saber muito bem o que o aluno faz quando lê, sobretudo quando ele lê em silêncio.

A evolução histórica da alfabetização nos mostra que desde o início encontra-se envolvida com técnicas e métodos que evoluíram conforme o tempo, mesmo assim a concepção que permaneceu por muito tempo foi a que ler e escrever significava transcreever o que se fala, associando um som às letras para formar ou decifrar palavras e textos. O papel do professor passou a ser o de levar o aluno à memorização, que é a associação do desenho às letras e consequentemente às palavras. Para Cagliari (2001) a fala é produzida espontaneamente, diferente da leitura que é baseada num texto escrito que tem características específicas.

Para Smolka (1999), o processo de alfabetização nos moldes tradicionais, onde a construção e aquisição da leitura e da escrita pelo aluno fazem-se por meio de métodos convencionais, como a silabação e a palavração, por exemplo, é algo extremamente preocupante e que deve ser repensado e analisado. A existência de conflitos aparece segundo Smolka (1999) à medida que a escola homogeneiza e generaliza o ato de ensinar os conteúdos, sem dar importância aos conhecimentos e experiências que os alunos têm. Portanto, se torna imprescindível que os professores reflitam sempre sobre a realidade inserida no contexto escolar, desenvolvendo um trabalho em que o conhecimento da realidade social é fundamental. O compromisso do professor na formação dos leitores começa desde a Educação Infantil e perdura em todo o processo de formação escolar.

Desta forma é necessário que o professor desenvolva em si o gosto pela leitura, partindo-se do princípio que só se dá o verdadeiro significado a algo quando se tem consciência da importância do seu ato. Para Lajolo (1999, p.108),

Os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação da leitura devem ser bons leitores e, no caso das séries iniciais, essa tarefa recai na figura do professor. E se sua preparação for deficiente, irá incidir diretamente no aluno, desprestigiando assim a leitura como exercício significativo e prazeroso.

O aluno mesmo diante de dificuldades na leitura inicial tem possibilidades de evoluir gradativamente, por meio de suas próprias deduções. Para isso, o professor tem que ficar atento às hipóteses construídas. Assim é fundamental dar significação a tudo que é construído em seu espaço, seja na criação da escrita, seja no desenvolvimento das habilidades de leitura.

2 A LEITURA COMO PRAZER

Das variadas concepções existentes sobre leitura, neste item pretendemos apresentar algumas, como título de ilustração, para enfim destacar aquela que assumimos em nossa prática, enquanto professoras alfabetizadoras do 1º ano/9 do primeiro ciclo dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Concepção de acordo com Silva e Zilberman (1998) refere-se que a leitura como um processo construído historicamente, que envolve anseios da sociedade. Acredita-se que formar leitores que tenham prazer em ler é o ponto principal no processo de aprendizagem. É preciso superar a concepção hegemônica sobre o aprendizado inicial da leitura, reduzindo o ato de ler em um simples decodificar. Para Freire (1992, p. 76) “[...] uma compreensão crítica do ato de ler que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita e se alonga na inteligência do mundo”.

A simples decodificação de signos limita o ato de ler a um exercício trivial e sem grandes repercussões para o aluno, um leitor em formação. Existe a necessidade do estímulo positivo para a leitura, em detrimento de levar o aluno a atribuir apenas um simples e restrito sentido no ato de ler. Acreditamos, portanto, ser possível extrair de diversos textos o prazer, a descobertas, as dúvidas, as possibilidades de pensar e criar, como afirma Freire (1992, p.76), “a leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela”.

A leitura pode ser um ato independente da escrita, já que a mesma está inserida numa sociedade letrada a espera do momento da aquisição desta. Cagliari (2001, p. 167) diz que “na prática se dá mais ênfase à escrita do que à leitura”. O processo dá-se de forma onde se privilegia a memorização das palavras, como treino para a aquisição da leitura. Escrever e ler são duas atividades que devem ser conduzidas paralelamente. O treino motor não deve ser priorizado e nem ser a forma adequada de se desenvolver a escrita.

Para Kramer (2001) é necessário compreender que o domínio da leitura e da escrita necessita primeiro a aquisição de mecanismos básicos e esses tem que estar vinculados a um contexto, com estratégias que ao ler se possa também escrever.

A concepção de leitura apenas para o exercício da redação de temas repetidos torna-se uma situação artificial de produção de textos que não envolvem a criticidade e criatividade. O papel da escola para tornar os alunos bons leitores está em desenvolver a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, mobilizando internamente ressaltando para todos que ler é algo desafiador e muito interessante.

Para Kleiman (2002, p.30),

[...] o contexto escolar não favorece a delimitação de objetivos específicos em

relação a essa atividade. Nele a atividade de leitura é difusa e confusa, muitas

vezes se constituindo apenas em um pretexto para cópias, resumos, análise sintática, e outras tarefas do ensino da língua. Assim, encontramos o paradoxo que, enquanto fora da escola o estudante é perfeitamente capaz de planejar as ações que o levarão a um objetivo pré-determinado (por exemplo, elogiar alguém para conseguir um favor) quando se trata de leitura, de interação à distância através do texto, na maioria das vezes esse estudante começa a ler sem ter ideia de onde quer chegar, e, portanto, a questão de como irá chegar lá... nem sequer supõe.

Freire (1996, p14.) concebe que “o papel do educador não é apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”, e a esse propósito ele diz ainda que o professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos a beleza de intervir e conhecer o mundo.

Diante disso e considerando a importância da formação do prazer pela leitura no aluno, a concepção de leitura que assumimos, está diretamente relacionada à leitura como prática social, assim sendo a leitura como formação da cidadania.

A leitura é um ato dinâmico, criativo, ativo e individual porque como existem várias leituras possíveis para cada texto, e somente o leitor é quem poderá atribuir os significados que lhe são pessoalmente peculiares, de maneira muito particular.

O papel da escola para tornar os alunos bons leitores está em desenvolver a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, mobilizando-os internamente no sentido que ler é algo interessante e desafiador.

A concepção autoritária da leitura, conforme expressa Kleiman (1993), parte do pressuposto que esta concepção torna a atividade de leitura como apenas uma prática de decodificação ou avaliação. Isso para a autora é apenas “imitação” de leitura e que é comumente observada na atividade escolar. Esta concepção, caso seja praticada pelo professor, com o objetivo de despertar o interesse e o gosto pela leitura no aluno, terá como efeito a inibição, ao invés da formação de bons leitores.

Silva (1998) concebe que o professor que pensa que a leitura é um dom, herança genética ou um passe de mágica está equivocado, pois diante das possíveis dificuldades de compreensão dos textos que o aluno venha apresentar, caso lhe sejam apenas apresentados os modelos de leitura como possíveis soluções, poderão comprometer sobremaneira o desenvolvimento e a autonomia desse leitor em formação.

Desta forma considerando a importância da formação do prazer pela leitura desde cedo pelo aluno, o bom professor é aquele que assume a concepção de leitura como prática social e como produtora de conhecimento.

A leitura possibilita ao leitor o desvelar de um mundo que ele desconhece e, para tanto, o professor irá desempenhar um papel fundamental como mediador do processo, pois a leitura é prazer, saber e hábito se esse conhecimento for bem desenvolvido.

A imaginação infantil é tão viva, dinâmica e criadora que enquanto o futuro leitor não for considerado sujeito nas questões relacionadas ao gosto pela leitura, dificilmente o ato de ler será percebido como exercício recheado de significados, aventuras e tantas descobertas a serem exploradas.

Nos primeiros anos da educação básica, a leitura tem que ser apresentada aos alunos das formas mais diversificadas e convidativas possíveis, a fim de despertar o prazer de ler, desta maneira a leitura será um caminho que fará parte da vida naturalmente do indivíduo.

Sobre a leitura Freire (1997, p. 29) concebe que:

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão.

Com isso o aluno começa a se familiarizar com a leitura dando sua própria interpretação aos atos de leitura existente em seu cotidiano. Um trunfo fundamental para que o aluno se torne um indivíduo mais capaz para decidir, opinar, questionar, enfim, saber viver e ser feliz, o ato de ler para Freire (1984), "sempre é uma percepção crítica". E essa percepção vai se construindo de maneira gradativa, na medida que o leitor em formação, fique próximo dos mais variados tipos de leituras possíveis em sua casa, em sua vida social, mas caso isso não ocorra em seu meio, fundamentalmente terá que ocorrer na escola através da mediação do professor. O professor pode orientar o aluno a retirar de um texto uma diversidade de sentidos e demonstrar ao aluno a possibilidade de uma nova leitura a cada dia.

As dificuldades se apresentarão ao leitor em formação, mas à medida que o leitor se aproximar da leitura por meio do exercício do ato de ler é que o próprio leitor descobrirá as diversas possibilidades que a leitura proporciona descobrindo a beleza do verdadeiro ato de ler. Neste sentido cabe a escola na pessoa do professor, propiciar uma atmosfera de leitura no contexto social dos alunos, principalmente no âmbito do contexto escolar.

E quanto mais cedo o aluno vivenciar a leitura como prática natural no decorrer de seu desenvolvimento, mais cedo poderá sentir a leitura se constituindo em sua vida. As considerações mais significativas sobre a importância da leitura, de uma maneira geral, Cagliari (2002, p.173) nos aponta,

A leitura não pode ser uma atividade secundária na sala de aula ou na vida, uma atividade para a qual a professora e a escola não dediquem mais que miseráveis minutos, na ânsia de retornar aos problemas da escrita, julgados mais importantes... [a leitura deveria ser a maior herança legada pela escola aos alunos, pois ela, e não a escrita, será a fonte perene de educação com ou sem a escola.

A conquista da habilidade de ler é fundamental para o ser humano, portanto, faz-se necessário, que desde muito cedo, seja oferecido para a criança, desde a educação infantil, diferentes leituras respeitando os diversos tipos de motivações e interesses dominantes. A leitura como prática social é sempre um meio e não um fim. Neste sentido, somos de opinião que a literatura infantil é fundamental para possibilitar o prazer da leitura no espaço da escola.

3 – O QUE SE LER E PARA QUE SE LER: A LITERATURA INFANTIL

Educação não é um ato isolado, mas um processo constante de ensino-aprendizagem. A cada dia, a cada acontecimento, a cada nova situação se está aprendendo. As sociedades complexas delegaram à escola uma parcela da educação, a formal, onde dois sujeitos são protagonistas o professor e aluno, onde os mesmos se relacionam entre si e com uma parte do conhecimento construído por esta sociedade. Não obstante as teorias da pedagogia renovada se façam presentes no mundo da educação, muitos professores vivem, na prática, uma educação tradicional. Enquanto o mundo caminha, a sociedade avança no campo da tecnologia e da informática, surgem novas concepções de mundo e de como viver no mundo, mas a escola ainda conserva um padrão educacional que pouco ou nada tem a ver com o aluno de hoje, mesmo os mais carentes tem acesso de uma forma ou de outra a moderna tecnologia em algum momento de sua vida.

Ao considerarmos o aluno um sujeito concreto, inserido num contexto sócio-político-econômico, mergulhado no mundo da tecnologia, da imagem, do som e da informática, a educação pensada como um processo de renovação. Nesta perspectiva encontramos em Freire (1992, p. 48):

Uma das qualidades mais importantes do homem novo e da mulher nova é a certeza que têm de que não podem parar de caminhar e a certeza de que cedo o novo fica velho se não se renovar. A educação das crianças, dos jovens e dos adultos tem uma importância muito grande na formação do homem novo e da mulher nova. Ela tem de ser uma educação nova também, que estamos procurando pôr em prática de acordo com as nossas possibilidades. Uma educação completamente diferente da educação colonial. Uma educação pelo trabalho, que estimule a colaboração e não a competição. Uma educação que dê valor à ajuda mútua e não ao individualismo, que desenvolva o espírito crítico e a criatividade, e não a passividade. Uma educação que se fundamente na unidade entre a prática e a teoria, entre o trabalho manual e o trabalho intelectual e que, por isso, incentive os educandos a pensar certo.

Falar em educação como processo de renovação significa avançar numa nova direção pedagógica e se de um lado percebemos a urgência de adequar o ensino às novas exigências da sociedade, por outro lado, ainda permanecem fortes marcas de formação tradicional como resistência ao novo. Desta forma, o professor terá que estar voltado/atento as mudanças de comportamentos e de interesses dos alunos, para atender as demandas da sociedade.

Na atualidade Leitura e cultura sofrem um impasse inicial, uma leva a outra, mas não podemos restringir o conhecimento cultural em uma única direção, pois quando não se conhece determinada cultura tem-se dificuldades em ler e entender textos produzidos por ela. E esse impasse é maior quando se está iniciando o processo de alfabetização.

Gagliari (2001) ressalta que não se podem restringir as atividades dos alunos somente a sua própria cultura, pois com isso, está se negando ao aluno a aquisição de novos conhecimentos. Assim como vivemos em um mundo onde as culturas se relacionam, a comunicação entre elas se tornam uma aliada da educação, partindo-se do pressuposto que tudo pode ser conhecido e reelaborado conforme o entendimento de cada um. Cagliari (2001) cita o papel da escola como difusora da cultura, e ressalta que a mesma é a guardiã da tradição, mas evoluindo conforme as mudanças do mundo.

Hoje com os avanços tecnológicos temos possibilidades de interagir como os acontecimentos do mundo em instantes de maneira interativa e imediata. Assim mudaram alguns aspectos culturais e conseqüentemente alguns hábitos de leitura.

Ocorre que as facilidades em obter essas informações muitas vezes prejudicam a educação, pois muitos só leem por obrigação e muitos não conseguem entender a leitura que necessita de uma análise mais elaborada, ou devido à falta de criticidade como leitor que acredita em tudo que leem, transforma-se em verdade absoluta sem questionamentos ou posição contrária. O imediatismo das informações às vezes nos tornam leitores impacientes, pois pela velocidade que as informações circulam adquirimos o hábito de quere ler as coisa o mais resumidamente possível e de fácil entendimento.

Diante disso, corroboramos com Freire (1996), o bom professor é aquele que ensina a pensar certo, reforçando com isso, a capacidade crítica, a curiosidade e sua insubmissão de seus alunos, esses se transformarão em sujeitos do seu próprio aprendizado, compartilhando saberes, percebe-se assim que para Freire (1996, p. 29),

[...] a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo.

Aos que estão iniciando a educação formal, a escola tem como aliada a literatura infantil que com suas propriedades formativas, constitui fértil possibilidade para esse intercâmbio. Enquanto produto cultura, ela interfere na cultura do aluno, reforçando-a, negando-a ou provocando nele, diferentes formas, novos conhecimentos e uma reelaboração de sua visão de mundo. E tem na escola um espaço para ser cuidada, fecundada, objetivando o prazer de ler como auxiliar da educação.

A literatura infantil, na perspectiva da leitura-prazer aqui defendida, tem exatamente por meta a exploração do processo de comunicação em

que a obra literária por si só já representa. Por meio da identificação e das trocas culturais entre obra e leitor, provocado pela mediação do professor, as visões de mundo do aluno defrontam-se com visões de mundo da obra. Não se detém necessariamente em uma ou outra e nem se contrapõem, mas propicia a tessitura de novas tramas, possíveis nascimento de novas compreensões.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), o professor necessita desenvolver em seus alunos o saber ouvir e o gosto pela leitura para:

- Ampliar a visão de mundo para inserir o leitor na cultura letrada;
- Estimular no aluno o desejo de outras leituras;
- Possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação;
- Recorrer ao diálogo e à imagem nas suas múltiplas modalidades, por reconhecer a oralidade como traço cultural marcante, bem como a importância e o papel que a imagem vem assumindo na cultura tecnológica da atualidade;
- Permitir a compreensão do funcionamento comunicativo da escrita: escreve-se para ser lido;
- Expandir o conhecimento a respeito da própria leitura.

As dinâmicas de leitura constituem-se, na verdade, em recursos de práticas pedagógicas recomendadas para assegurar nos três anos iniciais do Ensino Fundamental, segundo as DCNEB (2010):

1. a) a alfabetização e o letramento;
2. b) o desenvolvimento das diversas formas de expressão, incluindo o aprendizado da Língua Portuguesa, a Literatura, a Música e demais artes, a Educação Física, assim como o aprendizado da Matemática, de Ciências, de História e de Geografia;
3. c) a continuidade da aprendizagem, tendo em conta a complexidade do processo de alfabetização e os prejuízos que a repetência pode causar no Ensino Fundamental como um todo, e, particularmente, na passagem do primeiro para o segundo ano de escolaridade e deste para o terceiro.

Desta forma o professor proporciona, para além da informação e do conhecimento da história a expressão do conhecimento alcançado pelo leitor, a participação em situações que o aluno leia, ainda que não façam de maneira convencional, a participação dos adultos ao lerem textos de diferentes gêneros, a criação de uma cultura de comunicação ou da troca cultural propiciadora de um real encontro de personagens envolvidos no processo educativo, professor-aluno e os personagens das obras.

O eixo condutor dessa pedagogia são as relações professor-aluno, aluno-aluno, mediadas pelo conhecimento, objeto e alvo das relações escolares. Uma relação dialógica, onde os sujeitos se tornam um só no processo educacional. Nesta perspectiva Soares (2001), enfatiza que a criança que ainda não aprendeu a ler, mas já folheia revistas e livros, ouve histórias e reconta, desenha e escreve brincando, já percebe a função da leitura e da escrita, essa criança ainda é "analfabeta", mas já enveredou pelo mundo do letramento.

Relações que farão emergir uma educação transformadora da realidade e construtora de uma nova sociedade. Lidar com as diferenças, tomar decisões em conjunto, considerar diferentes pontos de vista, submeter suas opiniões aos demais, são traços a serem apreendidos aos que estão sendo conduzidos de forma natural ao gosto pela leitura. Ao professor compete viabilizar esse processo através de sua prática pedagógica, tendo presente o aluno em formação.

Para Cagliari (2001) a leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lida, a leitura é um processo de descobertas e requer um trabalho paciente e desafiante.

Assim como a literatura infantil auxilia na aprendizagem de leitura o professor tem que dispor de outros tipos de materiais escritos, uma vez que isso possibilita ao aluno o contato com práticas de leitura mediadas pela escrita, colocando o aluno como leitor que pode relacionar a linguagem com textos, os gêneros sendo inúmeras as estratégias utilizadas para criar na escola uma unanimidade de bons leitores.

A obra literária infantil é um excelente meio de problematizar o real e questionar o vivido e oportuniza, a partir da leitura do texto, a leitura do contexto. Nesta linha de atuação com a literatura infantil, a educação propicia o fluir da história na sua eterna construção e incompletude, permite o refletir, o prazer de ouvir, o interagir com a fantasia.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O caminho da educação e do conhecimento como possibilidade concreta de formação de sujeitos históricos, capazes politicamente de influir no rumo das transformações sociais, e capazes de transformar a si mesmo, nos remete a uma educação pautada no conhecimento. Para tal o processo de educação/alfabetização necessita ser priorizado com políticas públicas que possibilitem fundamentalmente ao aluno a efetiva apropriação do ato de ler, de maneira crítica, criativa e duradoura, como mediação para a formação da pessoa, como cidadão de direitos.

Algumas ações são fundamentais e necessárias para que a escola preconize a construção de alunos capazes de fazer uso da leitura e escrita de forma singular utilizando esses conhecimentos na sua prática social. Um dos pontos fundamentais é a escola construir um espaço onde o letramento esteja presente em todo o processo educativo e que esteja, comprometido com as classes populares e que supere a exclusão e possibilite ao professor a melhoria de sua formação escolar. O acesso à diversidade de material escrito, com a estimulação de práticas de leitura dentro e fora da escola é imprescindível para o desenvolvimento do leitor e a efetivação disso é possível e poderá ser viabilizada se todos sem exceção estiverem envolvidos no processo letramento na escola.

Construir uma práxis pedagógica comprometida, que reflita positivamente na formação do aluno, assegurando assim o direito a cidadania de todos, para tanto é necessário que a escola se desvencilhe das práticas fragmentárias, excludentes e dicotômicas e se comprometa e incentive o emprego criativo da alfabetização que possibilite a formação de alunos leitores. Neste sentido, pensamos que a literatura infantil é fundamental nesse processo.

Ao final entendemos que tudo está dentro de uma palavra "transformação", pois a leitura e a escrita como possibilidade para formar leitores e escritores críticos e criativos que possam fazer uso deste conhecimento de uma maneira plural e digna na prática social.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. *Diretoria de Currículos e Educação Integral* - Brasília: MEC; SEB, DICEI,

2013.

_____. Secretaria de Educação Fundamental, PCNs, Vol. 1 *Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, 1997.

CAGLIARI, Luiz C. *Alfabetização e linguística*. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2001.

FERREIRO, Emilia. *Passado e presente dos verbos ler e escrever*. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia, não*. Cartas de quem ousa ensinar. Org. e notas Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

_____. Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. Paulo. *Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra, 1996.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 2002.

_____. A. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes/Editora Unicamp, 1993.

KRAMER, S. & OSWALD, M. L. (org). *Didática da Linguagem: Ensinar a Ensinar ou Ler e Escrever?* São Paulo: Papyrus, 2001.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1999.

SOARES, Magda. *Letramento um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SMOLKA, Ana L. B. *A Criança na fase inicial da escrita*. A alfabetização como processo discursivo. São Paulo: Cortez, 1999.

TARDIF, M. e LESSART C. *Esboço de uma problemática do saber docente*. Teoria e Educação. Brasil, vol I: nº 4, 1991.

ZILBERMAN, Regina & SILVA, E. T. (orgs). *Leitura Perspectivas Interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988.

[1] Professora de Educação Básica da Secretaria Estadual de Educação – SEDUC-PA. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação-Mestrado – Universidade do Estado do Pará- UEPA. Integrante do Grupo de Pesquisa Infância, Cultura e Educação.

² Professora de Educação Básica da Secretaria Estadual de Educação – SEDUC-PA. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação-Mestrado – Universidade do Estado do Pará- UEPA